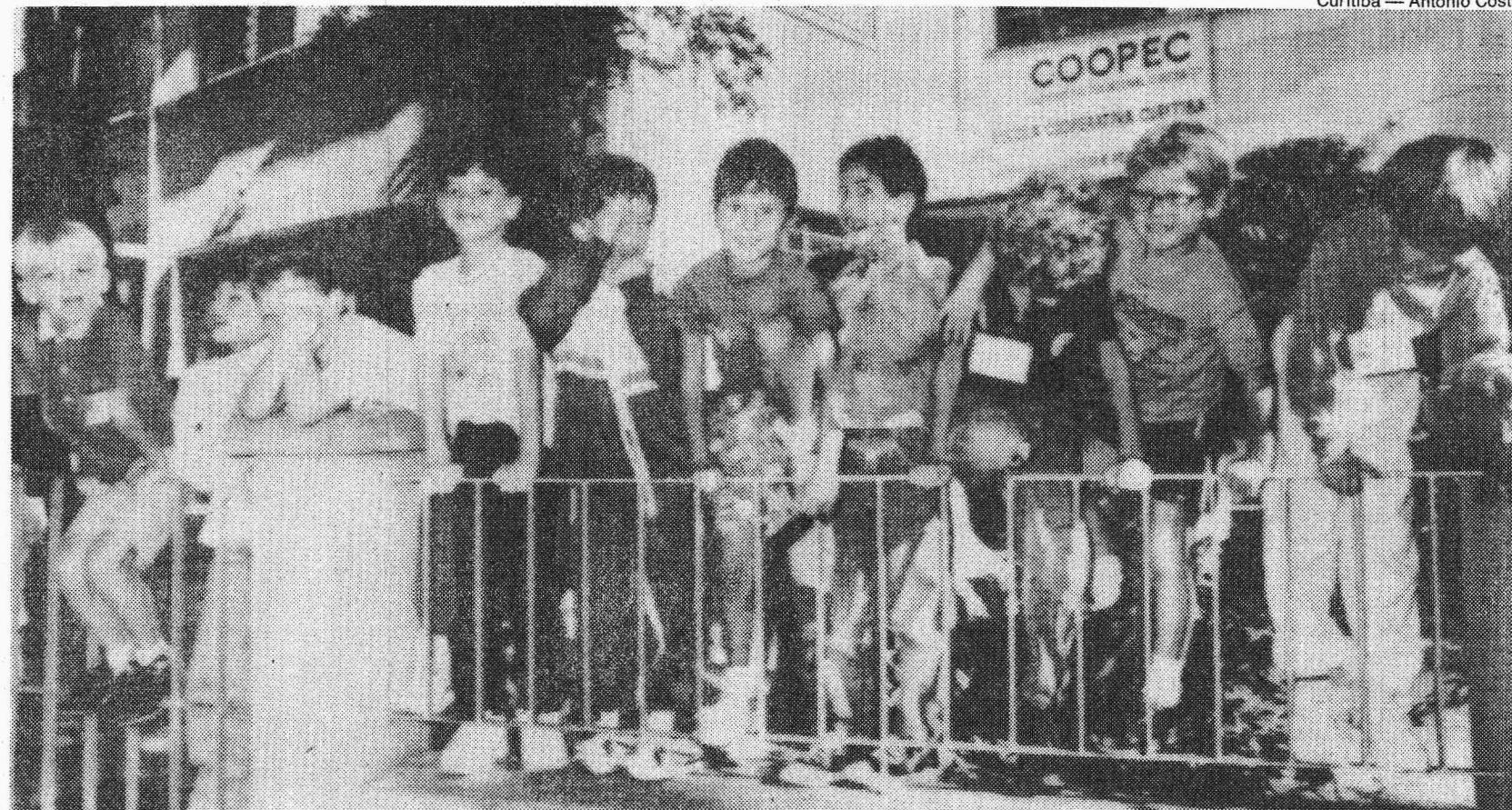


Pais se unem e abrem escolas mais baratas

■ Cooperativas controlam qualidade do ensino, competência dos professores, investimentos e preços justos de mensalidades

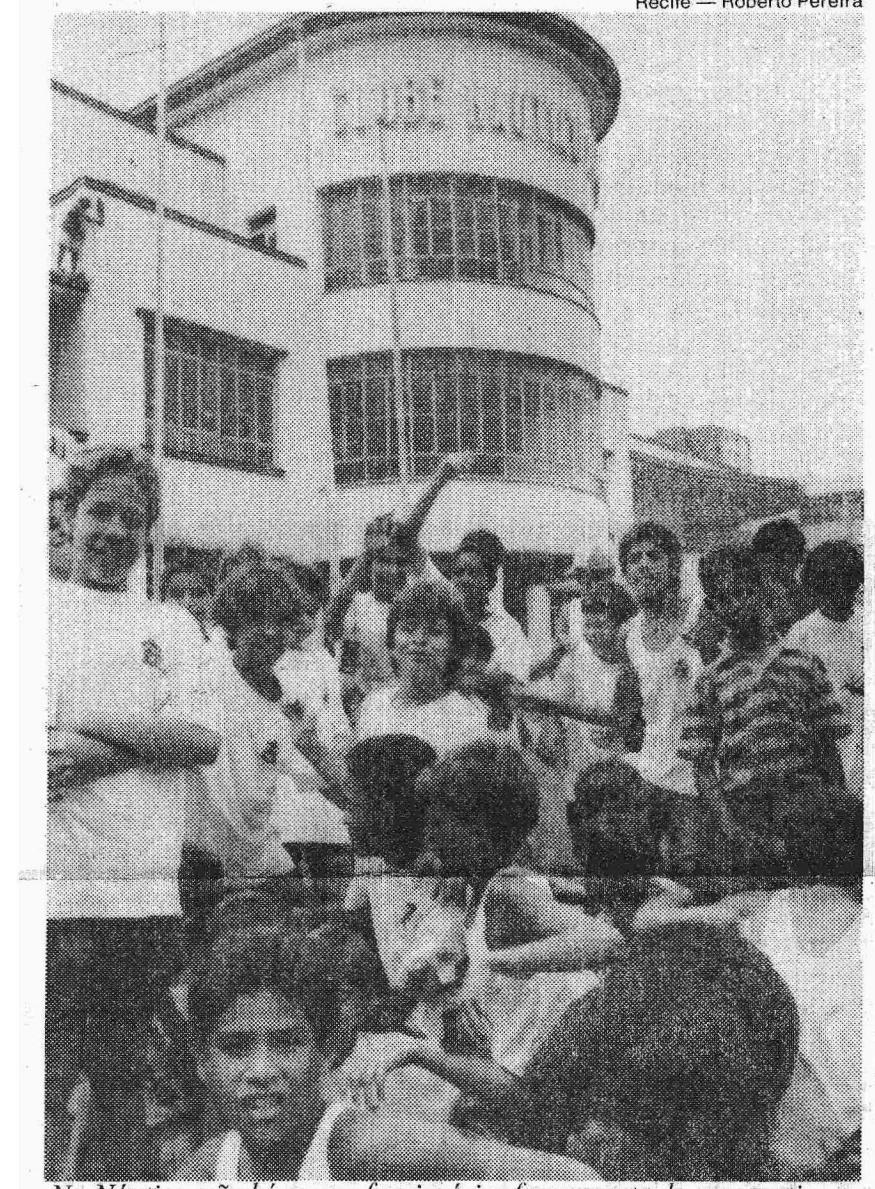
Curitiba — Antonio Costa

A união de pais de alunos para formar cooperativas de ensino — uma reação aos preços extorsivos e à qualidade nem sempre correspondente das escolas particulares — deixou de ser uma iniciativa isolada para se disseminar por todo o Brasil. Em Salvador já são 14 as escolas administradas por cooperativas de pais e em Minas foram inaugurados, só este ano, quatro colégios desse tipo. Três clubes esportivos de Recife cederam espaço para o funcionamento de escolas, onde as crianças passam oito horas por dia e praticam vôlei, natação, basquete ou futebol. Em Fortaleza, os pais inconformados com a derrota de uma ação judicial contra aumentos abusivos criaram a Escola Arminda Araújo, na qual decidem até os investimentos a serem feitos. Além da mensalidade mais barata, essas escolas oferecem salários melhores para os professores, melhor qualidade do ensino e não cobram as taxas extras de material. Desde fevereiro, as cooperativas contam com linha de crédito aberta pelo Banco do Brasil. O banco é velho conhecido das cooperativas desde que um grupo de funcionários criou uma escola em Itumbiara, Goiás, há três anos. É uma idéia que está se consagrando como a única alternativa das famílias de classe média que não encontram vagas na rede pública e não podem esperar que o governo controle os abusos.



Na Escola Cooperativa de Curitiba, os pais compram 1.600 cotas de adesão, que hoje valem menos de Cr\$ 5 milhões, no ato da matrícula

Recife — Roberto Pereira



No Náutico, não há greve: funcionários fazem parte da cooperativa